Dia 18 — São Lucas, Evangelista

Martirológio Romano

A gloriosa morte de São Lucas, evangelista; o qual padeceu muitos trabalhos por Jesus Cristo e, cheio da graça do Espírito Santo, morreu na Bitínia: seus ossos foram trasladados primeiro a Constantinopla e depois a Pádua. (Veja-se sua vida hoje.)

Santo Asclepíades, bispo, em Antioquia, outro daqueles ilustres mártires que com tanta glória padeceram no tempo de Macrino.

São Justo, mártir, na diocese de Beauvais; o qual, na perseguição de Diocleciano, sendo ainda menino (contava nove anos), foi degolado por sentença de Ricio Varo, presidente.

Santo Atenodoro, bispo, em Neocesareia, no Ponto: foi irmão de São Gregório o Taumaturgo, prelado de esclarecida doutrina, que padeceu na perseguição de Aureliano (no ano 233. Assistiu ao concílio de Antioquia contra Paulo de Samosata, no qual se distinguiu por sua eminente sabedoria e ardente zelo pela pureza da doutrina católica).

São Juliano, ermitão, na Mesopotâmia, junto à margem do Eufrates.

(Alguns autores têm confundido este São Juliano, ermitão, com São Juliano Sabas, de quem se lê no martirológio de 14 de janeiro, atribuindo a ambos a mesma história. Talvez com efeito sejam um mesmo, derivando o equívoco do Martirológio grego que faz memória neste dia de São Juliano Sabas.)

Santa Trifônia, em Roma; a qual foi mulher do imperador Décio: sepultaram-na numa cova junto a São Hipólito.

São Lucas, Evangelista

São Lucas, chamado o Evangelista, não só por havê-lo nomeado os Apóstolos para anunciar o Evangelho às nações, que este ministério foi comum aos santos Filipe, Timóteo, Tito, Silas,

Sóstenes, Tíquico e outros, mas particularmente por havê-lo escolhido Deus para escrever o Evangelho; isto é, a história da vida, morte, milagres e doutrina de Jesus Cristo, o que só é próprio dos autores sagrados, quais foram São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João.

São Lucas, a quem São Paulo chama algumas vezes Lúcio, para latinizar seu nome um pouco mais, foi natural de Antioquia, cidade metrópole da Síria. Era gentio de origem, como nascido no paganismo, e converteu-o São Paulo, seu parente, de quem depois foi discípulo, amigo particular, companheiro em suas viagens e enfim historiador de sua vida. Dedicou-se quando menino ao estudo das letras humanas, nas quais fez grandes progressos por ser de excelente engenho; e em seus escritos se conhece que possuiu com grande penetração a língua grega, sendo seu estilo mais culto e mais eloquente que o dos outros escritores sagrados e ainda por isso se julga que, ainda que nasceu na Síria, era originário da Grécia. Alguns opinaram que foi judeu de nascimento e um dos setenta e dois discípulos do Salvador, adiantando-se a afirmar que era o companheiro de Cléofas, um dos dois discípulos a quem apareceu Cristo quando iam ao castelo de Emaús; mas o mesmo Evangelista diz com toda a clareza que escreveu seu Evangelho regulando-se pela relação que lhe fizeram os que haviam visto e tratado o Salvador, sendo testemunhas oculares de suas ações: «Segundo o aprendemos daqueles mesmos que o viram desde seus princípios» (Lc 1), isto é, dos sagrados Apóstolos; o que prova bastantemente que São Lucas nunca o viu. Foi médico de profissão, como expressamente no-lo assegura o mesmo São Paulo em sua epístola aos Colossenses por estas palavras: «Saúda-vos Lucas, médico caríssimo» (Cl 4), e acrescenta São Jerônimo que era muito hábil naquela faculdade. Não o foi menos na arte da pintura, ainda que só nos ficou de sua mão uma imagem da santíssima Virgem, que por antiga tradição se crê ser obra do sagrado Evangelista.

Achando-se São Paulo em Antioquia, encontrou-se com seu parente Lucas, homem muito estimado em toda a cidade por suas conhecidas prendas, mas com a desgraça de viver sepultado nas trevas do gentilismo, como nascido e educado com a doutrina de suas ridículas superstições. Logo que o santo Apóstolo lhe falou da verdadeira Religião, dissipou a graça todas aquelas trevas; e tendo recebido o Batismo, fez-se discípulo de São Paulo e foi o mais querido de todos. São Jerônimo o chama seu filho espiritual e São João Crisóstomo fiel companheiro de suas viagens e de seus trabalhos. Logo que São Barnabé se separou do Apóstolo, entrou São Lucas em seu lugar e o acompanhou na primeira viagem que fez depois desta separação a Trôade, na Macedônia, pelo ano de 51, sem que depois se houvesse apartado jamais de seu lado. Deteve-se por algum tempo com São Paulo em Filipos da Macedônia e percorreu em sua companhia as cidades da Grécia, onde era muito copiosa a messe, fazendo-se maior cada dia. Com esta ocasião teve o consolo de conhecer e de tratar muitos Apóstolos e discípulos de Cristo, dos quais se informou miudamente de todas as circunstâncias de sua vida, de sua paixão, de sua ressurreição, de seus milagres e de sua doutrina. Por este tempo, isto é, pelos anos de 53, achando-se São Lucas na Acaia, inspirou-lhe o Espírito Santo que escrevesse seu Evangelho, quando já haviam escrito os seus São Mateus e São Marcos; mas como estes dois Evangelistas houvessem omitido muitos fatos singulares na vida do Salvador, para cumprir esta omissão intrometeram-se alguns falsos apóstolos em escrever histórias atestadas de ficções e de fábulas. Por isso escolheu Deus São Lucas para ensinar aos fiéis a verdade, inspirando-lhe o pensamento de escrever seu Evangelho. As particularidades da vida da santíssima Virgem e da infância de Jesus Cristo que São Lucas nos conservou, seus cânticos, as respostas que deu ao Anjo, a relação circunstanciada da viagem que fez e de tudo o que se passou

na visita de sua prima Santa Isabel e de Zacarias; o que observa o mesmo Evangelista, que sempre que sucedia alguma coisa nova e singular, Maria a notava, a ruminava e a conferia lá consigo mesma dentro de seu coração; todas estas particularidades dão a entender que São Lucas teve a ventura de conhecer pessoalmente a santíssima Virgem e de ouvir de sua mesma sagrada boca muitas circunstâncias de sua vida e da de seu santíssimo Filho.

Toda a Igreja reconhece neste Evangelho o espírito divino que o ditou; e assim São Paulo como todos os demais Apóstolos o aprovaram como uma fiel e compendiosa história da vida de Jesus Cristo e como um dos livros sagrados da igreja. Em todas as partes foi desde logo recebido como tal, do que dá testemunho São Paulo na segunda epístola que escreveu aos Coríntios, remetendo-lha por mão de Tito e do mesmo São Lucas, quando diz: «Partiu daqui Tito para essa cidade e vai em sua companhia Lucas, um de nossos irmãos, que se fez muito recomendável nas igrejas pelo Evangelho que escreveu; e além disso as mesmas igrejas no-lo deram por companheiro em nossas viagens.» Tampouco se duvida de que o Evangelho que o mesmo Apóstolo chama seu: « *Evangelium meum*», em sua segunda epístola a Timóteo, seja o Evangelho de São Lucas, que quis adotar São Paulo como se o fosse. Dirige São Lucas seu Evangelho a Teófilo, nome geral, no sentir de Santo Epifânio, de Orígenes e de Santo Ambrósio, pelo qual só quis entender o Evangelista todos os que amam a Deus; ainda que Santo Agostinho, São João Crisóstomo e outros muitos são de parecer que este tal Teófilo era um homem de distinção ou o governador de uma província convertido ao cristianismo. Pelo modo com que este Evangelista cita a sagrada Escritura, seguindo sempre a versão dos Setenta, ainda naqueles lugares em que esta se desvia do original hebreu, conhece-se bastantemente que não foi judeu de origem; e a conformidade que se nota em seu Evangelho com o que diz o apóstolo São Paulo em sua primeira epístola aos Coríntios é grande prova do que dizem os antigos, que o Apóstolo como que adotou por seu este Evangelho. Ambos referem com umas mesmas vozes a instituição da Eucaristia e somente os dois, isto é, São Paulo e São Lucas, falam da aparição de Cristo a São Pedro no dia da ressurreição.

Todo o tempo que São Paulo se deteve na Macedônia percorreu quase todas as cidades da Grécia, levando em sua companhia a São Lucas; mas o tê-lo sempre a seu lado por companheiro inseparável não era pura e precisamente por lograr este consolo e esta satisfação; era também para a edificação dos demais, querendo que o acompanhasse em todas as viagens aquele seu querido discípulo, assim para que o ajudasse a recolher as esmolas dos fiéis como para ter nele uma testemunha de toda exceção de seu apostólico e perfeito desinteresse; porque não basta que um Apóstolo seja inocente, seja irrepreensível; é mister que desvie de si toda suspeita de interessado ou de não proceder de boa-fé. Em todas as ocasiões mostrava São Paulo a muita estimação que fazia do santo Evangelista e o grande amor que lhe professava. Na segunda epístola aos Coríntios o chama irmão seu, assegurando nela que dava muita honra a seu Evangelho, não só com a pureza de seus costumes e com o resplendor de sua eminente santidade, mas também com o ardor de seu abrasado zelo. Por isso mesmo acrescenta no mesmo lugar que era muito celebrado em todas as igrejas, chamando-o Apóstolo delas e glória de Jesus Cristo: «*gloria Christi*». (2Cor 8.)

Tendo ido São Lucas a Corinto em companhia de Tito a levar esta segunda epístola, trabalhou com feliz suceso em cultivar aquela florida vinha do Senhor. Juntou-se-lhe logo São Paulo e desde aquela cidade escreveu aos romanos elogiando a nosso Santo sob o nome de Lúcio, seu parente. Pouco tempo depois partiram juntos para a Ásia e dali passaram à Macedônia. Desembarcaram em

Cesareia da Palestina e ali fez São Lucas quanto pôde para tirar da cabeça a São Paulo o pensamento de ir a Jerusalém, atemorizado com a profecia do profeta Ágabo de que seria encarcerado e entregue aos gentios; mas vendo-o resoluto a empreender aquela viagem, sem embargo de ter muito previsto quanto lhe havia de suceder nela, não o quis abandonar e o acompanhou na visita que fez ao apóstolo Tiago. São Paulo foi arrestado pelo tribuno Lísias, que o remeteu a Félix, governador da Judeia. Este o teve preso dois anos em Cesareia e quando acabou seu governo o deixou no cárcere para dar este gosto aos judeus. Já que São Lucas não pôde aliviar a São Paulo no trabalho das cadeias, quis partir com ele as incomodidades da prisão, fazendo-lhe fiel companhia dentro do mesmo cárcere todo o tempo que esteve nele. Embarcou-se com o mesmo Apóstolo para Roma, onde ele havia apelado e onde devia sentenciar-se sua causa pelo Imperador. Sabidos são os perigos que correram e os trabalhos que toleraram na navegação. Mas nenhuma coisa foi capaz de alterar um ponto a fidelíssima lei do discípulo ao mestre, nem incomodidades, nem fadigas, nem maus-tratos. Chegaram os dois a Roma pelo fim do inverno do ano de 61 e não quis São Lucas apartar-se do lado do Apóstolo todo o tempo que durou sua prisão, que foi por espaço de dois anos, para servi-lo, obedecer-lhe e assisti-lo, ainda que não ignorava os grandes perigos a que estava exposto numa cidade onde só o nome de cristão irritava o furor dos gentios; cidade que igualmente era cabeça do universo que capital do gentilismo. Escrevendo São Paulo desde a prisão aos Colossenses faz honorífica menção de São Lucas e de outros discípulos seus, que eram todo o seu consolo em meio das cadeias: «Meu caríssimo irmão, o médico Lucas, e os demais vos saúdam.» E na epístola a Filêmon, que escreveu pelo mesmo tempo, diz: «Também vos saúdam Epafras, que está comigo no cárcere por amor de Jesus Cristo, juntamente com Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, companheiros de meus trabalhos.»

Por este tempo, isto é, no ano de 63, pelo fim da primeira vez que esteve preso o apóstolo São Paulo, compôs São Lucas o livro dos Atos apostólicos; isto é, a história das principais ações dos Apóstolos de Cristo e dos sucessos mais maravilhosos e de maior edificação acaecidos até então desde o nascimento da Igreja. Depois de haver-nos dado em seu Evangelho a história da vida de Cristo, nesta obra posterior nos deixou a história da fundação e do estabelecimento de sua Igreja, sendo um fiel resumo dos progressos que fez o Cristianismo os primeiros vinte e nove ou trinta anos imediatamente posteriores à ascensão do Salvador. Seguramente que, depois da vida e da doutrina do mesmo Salvador, que nos referiu em seu Evangelho; depois das particularidades e das circunstâncias da santíssima Virgem, de quem lhe podemos chamar o confidente, não nos pôde propor objeto maior nem mais nobre; não pôde fazer obra mais útil nem de maior importância para toda a Igreja, já se considerem os grandes exemplos que põe à vista para a imitação, já as admiráveis instruções para a doutrina. Representa-nos, diz São João Crisóstomo, o cumprimento de muitas coisas que o Filho de Deus havia profetizado; a vinda do Espírito Santo, a prodigiosa mudança que obrou no entendimento e no coração dos Apóstolos, fazendo-nos visível o verdadeiro modelo da perfeição cristã na vida dos primeiros fiéis com o exercício das mais eminentes virtudes, oferecendo a nossa admiração as milagrosas obras do Espírito Santo na conversão dos gentios e, enfim, a maravilha das maravilhas, que foi a fundação da Igreja de Jesus Cristo.

Intitulou São Lucas sua obra *Atos dos Apóstolos*, para dar-nos a entender, diz São João Crisóstomo, que nela não tanto havíamos de buscar os milagres, as maravilhas que obraram, quanto as santas ações, as heroicas virtudes em que resplandeceram. Tem-se por certo que deram motivo a nosso Santo para escrever esta obra os falsos feitos dos Apóstolos que desde então começaram a

espalhar-se pelo mundo e que quis opor àquelas embusteiras relações uma história verdadeira dos feitos de São Pedro e de São Paulo. Não se atribuem mais obras a São Lucas senão a tradução grega da epístola de São Paulo aos Hebreus.

Posto São Paulo em liberdade depois de dois anos de prisão, fez muitas viagens, não só dentro da Itália, mas também a países mais distantes; sendo alguns de opinião que passou à Ásia e à Grécia; mas sempre acompanhado de seu querido discípulo São Lucas, até que o santo Apóstolo se restituiu a Roma, onde o chamava Deus juntamente com São Pedro para consumar nela seu martírio, sem que São Lucas houvesse abandonado aquelas duas grandes luminárias da Igreja até que foi testemunha de sua morte.

Depois dela, diz Santo Epifânio, que São Lucas, animado de seu mesmo espírito e como herdeiro de seu zelo, anunciou Jesus Cristo com admirável fruto na Itália, nas Gálias, na Dalmácia e na Macedônia. Os gregos asseguram que pregou o Evangelho no Egito, na Tebaida e na Líbia, fazendo em todas as partes novas conquistas para Jesus Cristo e semeando naquelas regiões o misterioso grão que com o tempo produziu nelas tanta multidão de mártires, de confessores e de santos anacoretas. Mas sem determinar em particular os lugares que o Evangelista santificou com suas excursões e trabalhos apostólicos: que país, dizem os Padres, que país se encontrará em toda a extensão da cristandade que não houvesse alumiado São Lucas com a luz da fé por meio do livro de seu Evangelho e de seus Atos apostólicos, que Ecumênio chama História da conduta do Espírito Santo no nascimento da Igreja? Afirma São Jerônimo que morreu de idade de oitenta e quatro anos e que foi virgem toda a vida. São Gregório Nazianzeno, São Paulino e São Gaudêncio asseguram que coroou com o martírio uma vida tão ilustre depois de tantos trabalhos; e Nicéforo se adianta a dizer que foi pendurado de uma oliveira pelos gentios. O certo é que poucos Santos padeceram mais por amor de Jesus Cristo e que toda a sua vida se pode chamar um glorioso martírio; que ainda por isso a Igreja na oração de seu dia dá o glorioso testemunho de que levou continuamente gravada em seu corpo a mortificação da cruz pelo nome de seu divino Mestre. Não se duvida de que morreu na Acaia; seu santo corpo conservou-se em Patras até a metade do quarto século, sendo muito glorioso seu sepulcro pela multidão de milagres que obrava o Senhor nele. No ano de 357, sendo imperador Constantino, foi trasladado da Acaia a Constantinopla com o de Santo André e dali foi com o tempo conduzido a Pavia, onde é hoje reverenciado, menos sua santa cabeça, que São Gregório o Grande levou a Roma quando voltou de sua nunciatura de Constantinopla e se conserva com grande veneração na igreja de São Pedro.

Entre as imagens da santíssima Virgem que por antiga e venerável tradição se crê haverem sido pintadas por mãos de São Lucas, a mais célebre de todas é a que se venera em Santa Maria Maior de Roma, cuja capela adornou o papa Paulo V com tanta magnificência.

Missa (oração)

A missa é em honra do Santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Interveniat pro nobis, quæsumus, Domine, sanctus tuus Lucas evangelista, qui crucis mortificationem jugiter in suo corpore pro tui nominis honore portavit. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que interceda por nós vosso evangelista São Lucas, o qual levou sempre em seu corpo a mortificação da cruz pela glória de vosso nome. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 8 da segunda de São Paulo aos Coríntios (o impresso traz «vuu1»).

2 Coríntios 8,16-24

> **Latim:** 16 Gratias autem Deo, qui dedit eamdem sollicitudinem pro vobis in corde Titi, 17 quoniam exhortationem quidem suscepit : sed cum sollicitior esset, sua voluntate profectus est ad vos. 18 Misimus etiam cum illo fratrem, cujus laus est in Evangelio per omnes ecclesias : 19 non solum autem, sed et ordinatus est ab ecclesiis comes peregrinationis nostræ in hanc gratiam, quæ ministratur a nobis ad Domini gloriam, et destinatam voluntatem nostram : 20 devitantes hoc, ne quis nos vituperet in hac plenitudine, quæ ministratur a nobis. 21 Providemus enim bona non solum coram Deo, sed etiam coram hominibus. 22 Misimus autem cum illis et fratrem nostrum, quem probavimus in multis sæpe sollicitum esse : nunc autem multo sollicitiorem, confidentia multa in vos, 23 sive pro Tito, qui est socius meus, et in vos adjutor, sive fratres nostri, Apostoli ecclesiarum, gloria Christi. 24 Ostensionem ergo, quæ est caritatis vestræ, et nostræ gloriæ pro vobis, in illos ostendite in faciem ecclesiarum.

Português: 16 E graças a Deos, que poz no coração de Tito o mesmo cuidado por vós, 17 porque na verdade recebeo a exhortação: mas indo elle estando mais sollicito, por sua vontade partio a visitar-vos. 18 Enviámos tambem com elle a hum irmão, cujo louvor he célebre pelo evangelho em todas as igrejas: 19 e não sómente isto, senão que pelas igrejas foi tambem escolhido por companheiro da nossa peregrinação, para esta graça, que por nós he ministrada para gloria do Senhor, e para mostrar a nossa prompta vontade: 20 evitando isto, que ninguem nos possa censurar nesta abundancia, que por nós he ministrada. 21 Porque procuramos fazer o bem não só diante de Deos, senão tambem diante dos homens. 22 E com elles enviámos tambem a outro nosso irmão, o qual varias vezes temos em muitas cousas experimentado ser diligente: e agora será muito mais pela grande confiança que ha de vós, 23 ou seja por causa de Tito, que he meu companheiro, e coadjuitor para convosco, ou por causa dos nossos irmãos, que são legados das

igrejas, gloria de Christo. [24] Por tanto dai para com elles ante a face das igrejas mostras do vosso amor, e de que sois a nossa gloria.

Reflexões

O desinteresse de São Paulo é uma grande lição não só para os ministros do Senhor, mas geralmente para todos os fiéis, os quais devem pôr inteiramente em Deus toda a sua confiança. Ditosos aqueles que de olhos fechados e baixando a cabeça se arrojam entre os braços do Pai das misericórdias e Deus de todo consolo, como diz São Paulo; então nada se deseja mais que conhecer o que se deve fazer por Deus e nada se teme mais que não saber aquilo que Deus nos pede. Logo que se descobre em sua santa Lei alguma nova luz, salta de alegria a alma como o avarento que descobriu um grande tesouro. O verdadeiro cristão, aflija-o como o afligir a divina Providência, só quer aquilo mesmo que lhe sucede e nada deseja de tudo o que lhe falta. Quanto mais ama a Deus, mais contente está; e a mais alta perfeição, em vez de oprimi-lo, faz seu jugo mais leve. Grande loucura é temer dar-se a Deus demasiadamente. É como se se temesse ser um demasiadamente feliz; é como se se temesse amar a vontade de Deus em todas as coisas; é como se se temesse ter demasiado valor para levar os trabalhos que são inevitáveis; é como se se temesse receber demasiados consolos no exercício do amor de Deus; é como se se temesse desprender-nos demasiadamente daquelas paixões que nos fazem miseráveis e desditosos. Menosprezemos, pois, todas as coisas da terra para entregar-nos a Deus inteiramente. Não quero dizer que absolutamente as abandonemos todas; mas o que tem já uma vida honesta e regulada mude somente o fundo de seu coração, e só com isto pouco mais ou menos faremos as mesmas coisas que antes faríamos. Não transtorna Deus as condições dos homens nem aqueles ministérios ou funções que estão anexas a elas, porque ele mesmo as ligou; mas então faremos por servir a Deus o mesmo que fazemos por servir e por agradar ao mundo e por contentar-nos a nós mesmos. Só haverá esta diferença: que em lugar de ser devorados por nosso orgulho, pela tirania de nossas paixões e pela maligna censura do mundo, obraremos, pelo contrário, com liberdade, com intrepidez, com fervor e com esperança em Deus, animando-nos a mesma confiança. Sustentar-nos-á em meio dos trabalhos a esperança dos bens eternos que se aproximam e a inconstância dos caducos que se escapam. Dar-nos-á asas para voar a Deus o amor que lhe temos, fazendo-nos conhecer quanto Deus nos ama.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Lucas.

Lucas 10,1-9

> **Latim:** [1] Post hæc autem designavit Dominus et alios septuaginta duos : et misit illos binos ante faciem suam in omnem civitatem et locum, quo erat ipse venturus. [2] Et dicebat illis : Messis quidem multa, operarii autem pauci. Rogate ergo dominum messis ut mittat operarios in messem suam. [3] Ite : ecce ego mitto vos sicut agnos inter lupos. [4] Nolite portare sacculum, neque peram, neque calceamenta, et neminem per viam salutaveritis. [5] In quamcumque domum intraveritis, primum dicite : Pax huic domui : [6] et si ibi fuerit filius pacis, requiescet super illum pax vestra : sin autem, ad vos revertetur. [7] In eadem autem domo manete, edentes et bibentes quæ apud illos sunt : dignus est enim operarius mercede sua. Nolite transire de domo in domum. [8] Et in quamcumque civitatem intraveritis, et susceperint vos, manducate quæ apponuntur vobis : [9] et curate infirmos, qui in illa sunt, et dicite illis : Appropinquavit in vos regnum Dei.

Português: [1] E DEPOIS d'isto designou o Senhor ainda outros setenta e douss: e mandou-os de douss em douss a diante de si por todas as cidades, e lugares, para onde elle tinha de ir. [2] E dizia-lhes: Grande he na verdade a mésse, e poucos os trabalhadores. Rogai pois ao dono da mésse, que mande trabalhadores para a sua mésse. [3] Ide: olhai que eu vos mando como cordeiros entre lobos. [4] Não leveis bolsa, nem alforje, nem calçado, e a ninguem saudeis pelo caminho. [5] Em qualquer casa aonde entrardes, dizei primeiro que tudo: Paz seja nesta casa: [6] e se alli houver algum filho de paz, repousará sobr'elle a vossa paz: e senão, ella tornará para vós. [7] E permanecei na mesma casa, comendo, e bebendo do que elles tiverem: porque o trabalhador he digno do seu jornal. Não andeis de casa em casa. [8] E em qualquer cidade em que entrardes, e vos receberem, comei o que se vos pozer diante: [9] e curai os enfermos que nella houver, e dir-lhes-heis: Está a chegar a vós-outros o reino de Deos.

Meditação

Dos falsos atrativos que usa o diabo para enganar-nos

Primeiro ponto

Considera que o amor dos deleites, o amor das honras e o amor das riquezas são as três grandes máquinas que dão impulso às operações dos homens e põem em movimento todas as paixões. Como o inimigo da salvação conhece muito bem a violenta inclinação do coração humano a estes três objetos, não cessa de combatê-lo por estes três flancos. O exemplo só de Salomão deveria bastar para nosso desengano. Este poderoso Rei não negou gosto algum a seus sentidos; cumulado de bens, de honras, de aplausos e de deleites, viu-se precisado a confessar, quando estava como afogado num golfo de delícias, que tudo quanto havia achado na terra era vaidade e aflição de espírito; e todos os maiores brilhos do mundo, engano, ilusões, aparência e ilusão. Com

efeito, que outras coisas se podem encontrar neste desterro? É certo que o mundo promete sempre riquezas e grandes honras; mas desde quando foi o árbitro nem o distribuidor desses bens? Empenha em grandes gastos os que seguem seu partido; mas que fruto tiram deles? Qual é sua recompensa? Acaso foram nunca herança dos mundanos a paz, o gosto nem a doce tranquilidade da vida? Promete-lhes o mundo deleites; mas não lhes serve em vez de deleites amargos pesares? Brinda-os jamais com algum deleite que não se lhe dê diluído em fel? Desfruta-se algum após o qual não venha o arrependimento e a dor? Promete o mundo grandes honras; mas acaso é dono delas? E poderá um prometer-se sincera veneração onde tudo está cheio de invejosos, de malignos e de concorrentes? Mal nunca se reconhece e muito menos se premia no mundo o verdadeiro mérito. Respeita-se muito a virtude onde só reinam a paixão, o interesse, o humor, a extravagância e o capricho? Mas bem: seja um muito honrado e sê-lo muito sinceramente; que coisa mais vã, que coisa mais ridícula, que coisa mais imaginária que estas estimações, que estas honras? Enfim, promete o mundo riquezas (porque ser um pobre no mundo se considera a maior de todas as desgraças); mas a quem as promete? Ao que se terá por muito ditoso se faz fortuna depois de muitos suores e de grandes trabalhos. Custa muito adquiri-las; e suponhamos por ora que o mundo foi o que te deu isso que tanto te tem custado; mas por um homem rico, por um homem que faz fortuna no mundo, quantos desgraçados há nele, sendo a cobiça tão universal e tão comuns os trabalhos? Por outra parte, quem poderá contar sobre estes aparentes bens que se nos escapam das mãos por sua própria fragilidade? Honras, deleites, riquezas, tudo foge, tudo se apaga, tudo desaparece com o último alento da vida. Será possível, meu Deus, que depois de tanto tempo como o mundo nos está enganando com uns atrativos tão frívolos e tão vãos, todavia não tenhamos aprendido a não deixar-nos enganar?

Segundo ponto

Considera até onde chega a cegueira e a imbecilidade do entendimento dos homens. Se o amor dos deleites, o das honras e o das riquezas tem tanto poder sobre nosso coração, a que fim ir buscar esses bens em outra parte que em sua verdadeira fonte? Onde se gostam nem onde se podem gostar deleites mais puros nem mais doces que no serviço de Deus? A alegria e a tranquilidade são a legítima das almas justas: a virtude por si só é a maior riqueza, é um tesouro pelo qual se deveriam dar todos os caducos bens deste miserável mundo. A virtude por si só faz o homem respeitável: que bens há mais preciosos nem mais sólidos que aqueles cujo princípio é o mesmo Deus? Que glória mais digna de nossa ambição que a de servir ao Dono soberano de todas as coisas, ao Árbitro de nossa eterna sorte? Ó cegueira! Ó loucura dos homens, deixar-se deslumbrar, deixar-se enganar pela lisonjeira ideia de uma quimérica, de uma imaginária felicidade que todos os mundanos se prometem e até agora ninguém tem podido encontrar! Onde está a razão, onde está o siso do que se persuade de que pode ser feliz entregando-se em presa a suas paixões, condenando as máximas de Jesus Cristo, fabricando-se uma espécie de religião acomodada ao gosto de seus sentidos e pela regra de suas próprias ideias, vivendo sem fé, sem devoção, sem piedade e condenando-se miseravelmente? Gostos, alegrias, diversões, abundância, felicidade, todos são nomes especiosos que usa o vocabulário do mundo para alucinar seus adoradores; mas em conclusão, nomes cheios de ar e de nada mais, incapazes de enganar, de deslumbrar um homem de juízo e de razão. Conheço-o, Senhor, palpo-o, Senhor: dai-me graça para

que cada dia me convença disso mais e mais.

Jaculatórias

Confesso, Senhor, que tudo quanto há neste mundo é vaidade de vaidades. (Ecl 1.)

Filhos dos homens, para que vos deixais deslumbrar da vaidade e enganar de umas mentiras tão palpáveis? (Sl 4.)

Propósitos

1. Crê-se por ventura que Jesus Cristo é nosso Deus e nosso mestre? Crê-se que não há outro caminho para o céu que o que ele mesmo nos mostrou? Crê-se que ninguém é admitido na glória senão os que são de seu partido? Mas se se creem estas verdades, como é possível que se ponha em deliberação o partido que se deve tomar? Como é possível que nosso coração se queira repartir entre Deus e o mundo? Como é possível que este tenha tanto partido e que este partido insulte o reduzido número dos fiéis verdadeiros? A que fim tantas condescendências, tantos rodeios, tantas dúvidas, tantas consultas sobre o Senhor a quem se há de servir? «Se Baal te criou (diz o Profeta), se é o deus a quem adoras, segue-o e não sirvas a outro dono; mas se o Senhor é teu Deus, declara-te por ele descobertamente.» Que há que consultar, nem que deliberar em segui-lo? Reflete com madureza estas importantes verdades. Declara-te por Deus a cara descoberta; e seja teu respeito, tua modéstia, tua compostura, tua devoção no templo; sejam em todas as ocasiões tuas palavras, tuas máximas, teus ditames e toda a tua conduta uma prova pública e notória de que és dos discípulos de Cristo e não dos escravos do mundo.

2. Considera os bens deste mundo como fosses um mero depositário, um mero administrador deles com obrigação de deixá-los a teus herdeiros: cuida deles, administra-os bem; mas não pegues a eles teu coração. Às honras que o mundo faz, considera-as como obséquio que se tributa à dignidade e não à pessoa. No que toca aos deleites, poucos há que não estejam cheios de veneno: foge deles com o maior cuidado e admite unicamente aqueles de que nunca te devas arrepender.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:45 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:45 by Admin